

## O PAPEL DA LEITURA E DA ESCRITA NO ENSINO FUNDAMENTAL: SUPERANDO DESAFIOS E PROMOVENDO A FORMAÇÃO DE SUJEITOS CRÍTICOS E AUTÔNOMOS

José Milson Alves dos Santos<sup>1</sup>  
Aldinéia Melo Santos Barbosa<sup>2</sup>  
Glance Mary Silveira Araújo Lima de Souza<sup>3</sup>  
Paulo David Torres Silva<sup>4</sup>  
Stephannie Janaína Maia de Souza<sup>5</sup>

**RESUMO:** Este artigo aborda a importância da leitura e da escrita no Ensino Fundamental como práticas primordiais para o desenvolvimento cognitivo, social e cultural dos indivíduos. Visto que, a leitura é apresentada como uma ferramenta de acesso ao conhecimento e construção de sentido, enquanto a escrita é analisada como meio de expressão, comunicação e organização do pensamento. A pesquisa discute os principais desafios enfrentados no processo de alfabetização e letramento, bem como práticas pedagógicas eficazes para estimular o desenvolvimento dessas habilidades. Pode-se concluir que a leitura e a escrita, quando trabalhadas de maneira contextualizada e significativa, contribuem para a emancipação intelectual dos estudantes e para sua inserção consciente na sociedade. Por meio de uma abordagem teórica reflexiva e observacional, o texto discute como essas habilidades se complementam e se fortalecem mutuamente no processo de aprendizagem, destacando o papel da escola na rede municipal do Ensino Fundamental, o papel do professor e do ambiente social com a finalidade de superar desafios e promover a formação de sujeitos críticos e autônomo como leitores e escritores. Analisa-se também os desafios enfrentados no processo de ensino-aprendizagem, como a defasagem escolar, a desmotivação dos discentes e as práticas pedagógicas que pouco eficazes e propor estratégias que valorizem os alunos por meio da mediação do professor e o uso de metodologia ativa e adequada.

2047

**Palavra-chaves:** Ensino fundamental. Escola. Leitura e escrita. Autonomia. Práticas pedagógicas.

<sup>1</sup>Mestrando em Ciências da Educação pela CBS. Graduado em Letras Português e suas Respectivas Literaturas pela Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL). Graduado em Pedagogia pelo Centro Universitário Internacional (UNINTER), Pós-graduado e Especializado na Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa pela Instituição de Educação e Pesquisa Paulo Freire - Faculdade de Santa Helena.

<sup>2</sup>Atua como professora efetiva de Educação Especial na Secretaria Estadual de Educação de Alagoas - SEDUC. Graduada em Pedagogia pela Universidade Tiradentes - Unit (2020) e Graduada em Psicopedagogia pelo Centro Universitário Internacional - Uninter (2024). Especialização em Psicopedagogia Institucional pela Faculdade São Luís (2019) e em Educação Especial com Ênfase em Transtornos Globais do Desenvolvimento (TGD) e Altas Habilidades (2022), também pela Faculdade São Luís.

<sup>3</sup> Professora do AEE - Atendimento Educacional Especializado - (SEDUC) Secretaria Estadual de Educação de Alagoas e Funcionária Pública Municipal de Maceió /Alagoas. Graduada em Psicologia pelo Centro de Ensinos Superiores de Maceió - CESMAC, Graduada em Pedagogia pela Universidade Norte do Paraná - Unopar, Pós-graduada em Neuropsicologia e Transtornos do Aprendizado pelo Instituto Brasil de Ensino - IBRA, Pós-graduada em Educação Especial - pelo Instituto Brasil de Ensino- IBRA, Pós- graduada em ABA - Análise do Comportamento Aplicado - pelo Instituto Brasil de Ensino, Pós-graduada em Recursos Humanos pela Unifal/FIC - Faculdade Figueiredo Costa, Pós-graduada em Gestão Escolar pela UNOPAR - Universidade Norte do Paraná. Mestranda em Ciências da Educação pela CBS.

<sup>4</sup> Graduado em Matemática pelo Centro Universitário Internacional UNINTER, Pós-graduado em Metodologia do Ensino em Matemática pela Instituição FAVE NI. Pós-graduando em Educação Especial pela IBRA.

<sup>5</sup> Professora da rede pública no âmbito estadual. Graduada em Ciências Biológicas, pela Universidade Federal de Alagoas, Mestre em Ciências Farmacêuticas pela Universidade Federal de Alagoas, Doutoranda em Bioquímica e Biologia Molecular pela Universidade Federal de Alagoas.

**ABSTRACT:** This article addresses the importance of reading and writing in elementary education as essential practices for the cognitive, social, and cultural development of individuals. Reading is presented as a tool for accessing knowledge and constructing meaning, while writing is analyzed as a means of expression, communication, and organization of thought. The research discusses the main challenges faced in the literacy process, as well as effective pedagogical practices to stimulate the development of these skills. It can be concluded that reading and writing, when approached in a contextualized and meaningful way, contribute to students' intellectual emancipation and to their conscious integration into society. Through a reflective and observational theoretical approach, the text discusses how these skills complement and strengthen each other in the learning process, highlighting the role of municipal elementary schools, the teacher's role, and the social environment in overcoming challenges and promoting the formation of critical and autonomous individuals as readers and writers. The study also analyzes the challenges faced in the teaching-learning process, such as learning gaps, student demotivation, and ineffective pedagogical practices, and proposes strategies that value students through teacher mediation and the use of active and appropriate methodologies.

**Keywords:** Elementary Education. School. Reading and Writing. Autonomy. Pedagogical Practices.

## INTRODUÇÃO

A leitura e escrita constituem práticas fundamentais para o desenvolvimento cognitivo, social e cultural do ser humano. No contexto escolar, especialmente no Ensino Fundamental, essas habilidades desempenham papel central na construção do conhecimento e na formação de sujeitos capazes de interpretar, questionar e transformar a realidade. No entanto, há diversos fatores entrelaçados proporcionando a defasagem do alunado: escolas que não têm biblioteca, poucos livros didáticos, a falta de incentivo à leitura fora do âmbito escolar. Essa pesquisa também pretende englobar a prática da leitura e da escrita, uma vez que ela se realiza na vivência pedagógica do professor que é levado a ter um número relativamente extensivo de alunos em sala, e, por meio disso, perceber que há uma dificuldade relativa na leitura e na produção de textos dos alunos.

Os estudos apontam para uma realidade em que o professor da rede básica precisa lidar com os impasses educacionais existentes, advindos de todo o sistema educativo, que cria normas, grades curriculares, que podem não se adequar à realidade do aluno de determinada região, bem como os materiais didáticos que não suprem as reais necessidades dos alunos, por não se adaptarem os conteúdos de Língua Portuguesa à realidade educacional e social de determinada cultura e costume.

Este trabalho é uma pesquisa de cunho observacional/comparativo acerca do que, de fato, acontece na realidade do Ensino de Língua Portuguesa e na apreensão dos conteúdos dessa matéria por parte do aluno, em uma escola pública da rede municipal com os discentes de 8º anos no turno matutino do Ensino Fundamental. A referida escola localiza-se no município de Roteiro, interior do Estado de Alagoas na microrregião São Miguel dos Campos.

O motivo de, ainda haver impasses quanto ao que o aluno lê e ao que escreve, está relacionado intrinsecamente a *práxis* metodológica do professor, bem como aos materiais que a escola oferece para suprir as carências dos alunos. Sabemos que, embora exista o empréstimo de livros nas escolas, os alunos não leem como de fato deveriam, porque não recebem um direcionamento específico dos professores. Muitos alunos, às vezes, pegam livros por pegar ou para serem bem vistos pelo professor. Nessa concepção, as estratégias de leitura e os processos de escrita deveriam estar alinhados à percepção do mundo que envolve o aluno.

De acordo com Freire (1989) “A leitura não se limita à decodificação de palavras, mas envolve a compreensão e a interpretação dos textos e do mundo.” Do mesmo modo, a escrita é mais do que transição, pois é uma expressão de sentido e ferramentas de transformação social. Para Bakhtin (2003, p.102) “Ensinar a ler e escrever com sentido exige que o professor vá além da técnica, buscando desenvolver no aluno a capacidade de argumentar, opinar e criar.”

2049

As abordagens deste trabalho se sustentam nos estudos de Bakhtin (1992); Lira (2003); INEP (2021); Soares (2004); Guedes (2006); Antunes (2007); Kleiman (2000), entre outros. A Língua Portuguesa, a leitura e a escrita têm sido estudadas por muitos teóricos para mostrar de que forma é possível ajudar o aluno nos processos cognitivos que dizem respeito à apreensão dos conteúdos, e, no que se refere à Língua Portuguesa.

Esse trabalho visa propor e discutir como a leitura e a escrita podem ser trabalhadas no Ensino Fundamental de forma a superar essas dificuldades e contribuir para a formação de alunos críticos e autônomos, partindo de uma revisão teórica e de reflexão sobre práticas pedagógicas buscando discutir o papel da leitura e da escrita. Nesse contexto, esses elementos constituem a base para a formação de estudantes que sejam capazes de interpretar o mundo, expressar suas ideias e agir de maneira reflexiva e consciente analisando estratégias para superar essas dificuldades e promover a formação de sujeitos autônomos e críticos.

## DESENVOLVIMENTO

### Pressupostos teóricos acerca da leitura e escrita no Ensino Fundamental e seus desafios

De acordo com Soares (2002), o ensino-aprendizagem a leitura e escrita é um processo que ultrapassa a alfabetização, pois considera o uso social de leitura e da escrita. Nesse sentido, práticas pedagógicas que inserem o aluno em contextos reais da leitura e escrita favorecem seu desenvolvimento integral. Apesar da sua importância, muitos alunos do Ensino Fundamental chegam ao final dos anos iniciais com dificuldades significativas de leitura e escrita. As causas são diversas: falta de políticas públicas consistentes, desvalorização da leitura no ambiente familiar, ausência de formação continuada dos professores, escassez de bibliotecas escolares e metodologias pouco motivadas e dentre outros.

Conforme Gadotti (2011, p. 36):

Educação é o lugar onde os sujeitos aprendem a ser gente é a escola do companheirismo do para ter sentido, portanto, para ter sentido humanizador precisa pensar em uma educação emancipadora e por isso sua pedagogia deve ser uma pedagogia do encontro, do diálogo, das redes solidárias e nos seios familiares. É empoderar, e (re) encantar despertar capacidade de sonhar, despertar crenças que é possível mudar o mundo.

Esse desafio de educar os discentes a pensar, a ler, a opinar, a escrever, apesar de que o âmbito escolar tenha a maior parcela, não é somente papel da instituição educacional, mas sim juntamente da escola com o seio familiar para que haja uma educação sólida na aprendizagem da leitura e escrita. De acordo com Feire (2015, p. 77). “Se a educação sozinha não transforma a sociedade sem ela tão pouco a sociedade muda”.

Ferreiro (1993) defende que a leitura é uma convenção social que depende intrinsecamente da compreensão que o indivíduo tem do seu mundo, e, por meio disso, a partir do que o sujeito tem, como experiência, compreende o mundo dos outros, uma vez que a leitura é o princípio básico para se ter uma comunicação com determinado meio. A princípio, entendemos que a leitura e suas estratégias não provêm somente de memorização, mas também é um conhecimento de natureza conceitual, determinada pelo meio social.

Quando falamos de leitura, entendemos que ela está voltada aos conhecimentos – do indivíduo – ligados à Língua que ele desenvolve. De acordo com Saussure (2006, p.35), compreende-se que a Língua “é o transmissor de conhecimentos internos e que a fala é espontâneo”, uma vez que ela leva em conta um sistema linguístico de pensamento, e, ainda acrescentamos a essa realidade que o ato da leitura e da escrita e se firma através desse sistema linguístico de pensamento.

Conforme Mortatti (2004):

Longe de serem apenas habilidades mecânicas, a leitura e a escrita devem ser compreendidas como práticas sociais inseridas em contextos culturais e históricos. Ao ler e escrever, os sujeitos interagem com o mundo, constroem significados e posicionam-se criticamente diante das realidades que os cercam. Portanto, a escola deve oferecer espaços de letramento que valorizem a diversidade textual, o uso significativo da linguagem e o respeito à experiência dos alunos. (MORTATTI, 2004, p.123).

A leitura e suas estratégias serão vistas no transcorrer do trabalho, assim como a escrita, no entanto precisamos compreender que elas são modalidades distintas que precisam de congruência no pensamento do aluno/leitor. Na verdade, a escrita não é algo aleatório, pois o indivíduo precisa pensar com cuidado, planejar o que vai escrever para que não haja distorções no que, de fato, se quer passar nas suas ideias. Visto que as pessoas pensam o tempo todo e a construção dos pensamentos se dá de forma inconsciente, involuntária e muito rápida, os alunos/escreventes devem encarar que é imprescindível coletar o pensamento e formar uma ideia daquilo que se quer explicar, para se ter uma organização no ato discursivo/comunicativo.

A diferença entre ensinar uma prática e ensinar para que o aluno desenvolva individualmente uma competência ou habilidade não é mera questão terminológica. Em instituições como a escola, em que predomina a concepção da leitura e da escrita como conjunto de competências, concebe-se a atividade de ler e escrever como um conjunto de habilidades progressivamente desenvolvidas, até se chegar a uma competência leitora e escritora ideal, a do usuário proficiente da língua escrita. Os estudos do letramento, por outro lado, partem de uma concepção de leitura e de escrita como práticas discursivas, com múltiplas funções e inseparáveis dos contextos em que se desenvolvem (KLEIMAN, 2007, p. 40).

2051

De acordo com a abordagem de Kleiman (2007) é necessário haver projetos de letramento no âmbito escolar, e isso só é possível se, na escola, houver espaços para experimentar formas de participação nas práticas sociais letradas. Para que o usuário da Língua portuguesa – o aluno – adquira proficiência, é primordial aproximá-lo o mais perto possível dos textos, para que a leitura seja realizada constantemente, e, por meio disso, a escrita esteja condicionada pela leitura – de livros, revistas e jornais, por exemplo – que o indivíduo faz do seu mundo.

Outro impasse é que pode acontecer de o professor esquecer que alguns alunos não dominam a modalidade da leitura proficientemente, e, lançam textos aleatórios sem estimular o senso ideológico/crítico do aluno, no ato da compreensão textual, por meio da leitura. Muitos docentes preocupam-se com nomenclaturas que as regras gramaticais dão ao léxico, e, por algum motivo, podem deixar de atender as noções das atividades da linguagem, uma vez que elas podem ser ricas na formação do aluno, basta o professor se apropriar delas.

No que se refere às atividades de linguagem, além do conhecimento do mundo, é necessário também que conheçamos as muitas regularidades que especificam o que devemos fazer para organizar um texto, para lhe dar uma sequência, para lhe atribuir uma continuidade e uma progressão, para lhe conferir algum tipo de sentido e coerência (ANTUNES, 2007, p.18)

A leitura tem relevância social, e o professor tem o dever de saber da responsabilidade que essa modalidade oferece, para o desenvolvimento intelectual e discursivo de aluno, por isso considera-se que é necessário existir o desenvolvimento da competência relacional, que é aquela advinda com o grupo, por meio da interação. No caso da leitura e da escrita, caberá à escola, com apoio da família e do grupo social, redimensionar e delinear com nitidez os aspectos primordiais de um trabalho nesses campos. E quando se fala em escola, é preciso centrar os focos sobre o tripé: professor, aluno, natureza do trabalho.

A participação das famílias no processo educativo, supera desafios e são fatores essenciais para o desenvolvimento coletivo entre professores, gestores, famílias e comunidade, além do investimento em formação docente e na valorização das práticas de leitura e escrita desde os primeiros anos escolares em prol de alunados leitores e escritores.

Atualmente, a realidade educacional brasileira, a priori o município de Roteiro, interior do Estado de Alagoas, tendo em vista a realidade de diversas escolas no Brasil, o professor depara-se com salas relativamente lotadas, com alunos de várias formações ideológicas e, quase sempre, esses alunos chegam em sala desmotivados por questão pessoal ou familiar. Por isso é importante elaborar estratégias para atingir o objetivo do que se quer quando se fala em leitura ou em formar aluno/leitor.

Dessa forma, observamos também que os alunos que são frequentemente avaliados são aqueles que se sentam próximos ao professor ou ao quadro, pois é o contato mais próximo que muitos têm dos seus alunos, mas este não é um trabalho eficaz, que estimula a aprendizagem e o conhecimento do aluno.

O modelo das salas enfileiradas estimula o professor a falar demasiadamente, interagindo apenas com os alunos que estão sentados nas linhas laterais e nos cantos da sala... [...] nos demais locais, os alunos participam e interagem menos e podem apresentar problemas de disciplina. (BRASIL, 2010, p. 128).

Por meio disso, compreendemos que a forma de um professor organiza a sala pode influir no momento da apreensão de conteúdos por parte do aluno, uma vez que a interação é vital para a aprendizagem e, se há pouca ou nenhuma interação, a aprendizagem também vai, de certa forma, ser deficitária. Todavia, não é dever do professor de Língua Portuguesa dos anos finais ensinar o aluno a decodificar as palavras, a ser alfabetizado, de fato, uma vez que

tal responsabilidade recai sobre o profissional da pedagogia, na vivência da educação infantil e dos anos iniciais.

Mas, o que fazer quando se nota que o aluno não consegue entender o que ele lê, não tem certa proficiência na escrita e não desempenha com habilidade o seu discurso? Por isso, é necessário que a escola se indague, por meio dessa situação que assuma a implementação de um projeto coletivo entre os professores, no qual em todas as disciplinas do currículo escolar, seja, matemática, ciências, história, geografia, o aluno possa viver experiências de leitura e de escrita sistematizadas, por meio das diversas disciplinas. Esse projeto coletivo deve ser implementado a partir de atividades interessantes capazes de ultrapassar e vencer os limites dos muros da escola sobre a discursividade no ato comunicativo do aluno, já que os gêneros textuais são trabalhados constantemente na escola.

E quais desafios que os discentes enfrentam no Processo de Ensino e Aprendizagem no Ensino Fundamental? Diversos fatores dificultam o pleno desenvolvimento da leitura e da escrita no Ensino Fundamental. Entre eles, destacam-se:

- A fragilidade na formação inicial e continuada dos professores;
- A falta de materiais didáticos atualizados e contextualizados;
- A desarticulação entre as propostas pedagógicas e a realidade dos estudantes,
- A escassa participação das famílias no processo educativo e dentre outro fatores.

2053

Percebe-se que o trabalho com o texto literário, com a ficção, com a poesia, por exemplo, não pode ser associado a atividades facilitadoras, muito comuns hoje, mas que afastam alunos e professores do saudável e necessário corpo a corpo com o escrito. O que se quer exatamente dizer com isso? Ao se ler um texto, o trabalho tem que se realizar a partir desse texto, por meio de tal texto e dentro da complexidade literária em que é feito. Vejamos Lajolo (1993):

Técnicas milagrosas para convívio harmonioso com o texto não existem, e as que assim se proclamam são mistificadoras, pois estabelecem uma harmonia só aparente, mantendo intacto – quando já instalado – o desencontro entre leitor e texto. (LAJOLO, 1993, p. 14).

De acordo com Lajolo (1993) significa dizer que não existem fórmulas fáceis ou métodos rápidos que garantam, por si só, uma relação profunda e significativa entre o leitor e o texto. Qualquer método que prometa isso de forma automática ou superficial está “mistificando” o processo — ou seja, criando uma ilusão.

Ainda, nessa perspectiva, destacamos que:



O professor não deve se ater somente à correção da pontuação, ortografia e gramática como um fim, mas preocupar-se com o processo da escrita como um meio para o desenvolvimento real da habilidade da escrita. Sabe-se que a maioria dos professores não tem tempo para corrigir todo o trabalho escrito produzidos pelos alunos. Sabendo-se que só se aprende a escrever escrevendo, é importante que o retorno do professor seja assegurado, para que as atividades de acompanhamento do processo da escrita sejam efetivadas pelo professor, e por meio disso, pode-se promover grupos de redação (CAMPBELL, 2000, p. 11).

Com base nisso, entendemos que é obrigação do professor orientar a escolha dos textos com que a escola trabalha, mesmo quando este não dispõe de tempo para corrigir todos os textos que são produzidos pelos alunos. Sejam os textos informativos, sejam os literários. O professor de Língua Portuguesa, por estar mais aproximado da realidade da sala de aula, precisa observar se o aluno está ou não desenvolvendo um discurso coeso e com formação ideológica, já que é necessário o processo ideológico via conteúdo de Língua Portuguesa, para se ter uma união de pensamento. Todavia, isso só é possível se os alunos forem colocados na realidade da leitura e escrita. Quanto mais se aproveita os textos, em sala, melhor será o progresso intelectual do aluno no âmbito discursivo/escrito/oral.

A avaliação, diferentemente da verificação, envolve um ato que ultrapassa a obtenção da configuração do objeto, exigindo decisão do que fazer ante ou com ele. A verificação é uma ação que “congela” o objeto; a avaliação, por sua vez, direciona o objeto; a avaliação, por sua vez, direciona o objeto numa trilha dinâmica de ação. (LUCKESI, 1996, p. 93).

2054

Nesse sentido, entendemos que o professor precisa direcionar o aluno no momento em que ele está sob verificação, para que possa ser, eficazmente, avaliado. O professor precisa tornar sua sala um ambiente rico em linguagem, uma vez que é por meio da linguagem que o professor precisa tornar o processo de verificação e avaliação contínuo, já que este processo permite que os alunos interajam entre si, de forma direcionada sob a orientação do professor.

A introdução do texto em classe deve sempre ter em conta o universo dos seus receptores, estabelecendo, se for o caso, uma “gradação textual” para trazer ao público estudantil primeiramente o que for mais fácil para ele, para depois, paulatinamente, chegar ao mais difícil [...] a partir do momento que despertamos a atenção do educando para a Literatura, a partir de textos mais “fáceis”, poderemos, com melhor efeito, introduzi-lo no mundo das linguagens mais “difíceis” (por exemplo, a do Barroco), ou no mundo dos temas que não fazem parte (ainda) de seu universo. (JOBIM, 2009, p.117).

Portanto, os textos em sala de aula precisam se adequar à realidade educacional em que o indivíduo está inserido, levando em conta a idade e o fator social em que ele vive. O universo do aluno, atualmente, está pautado em redes sociais, criar amigos, explorar as festas sociais, porém, dificilmente, se não raramente, observamos um aluno do ensino fundamental, lendo sequer um livro, e quando fazem isso leem apenas algumas páginas, logo se cansam e deixam



o livro jogado em algum lugar. Tendo em vista que os textos têm inúmeras facetas ou características que o professor de Língua Portuguesa pode instigar o aluno a querer aprender e a buscar novos conhecimentos, basta o professor e o aluno se apropriarem da interação escolar/textual, para poderem usufruir da liberdade verbal que nos é condicionada.

Nesse sentido, o professor passa a ser peça fundamental no âmbito educacional para atender, especificamente, à noção de leitura por parte do aluno, uma vez que o professor de Língua Portuguesa precisa ser leitor e formador de sujeitos leitores.

O professor não é, de nenhuma forma, um leitor como qualquer outro: ele precisa aprender como se aprende a ler para descobrir como se ensina a ler e não tem outro jeito a não ser observar-se aprendendo a ler. Esse aprendizado baseia-se em sua leitura pessoal, indispensável para ensinar a ler, mas insuficiente se não for uma leitura feita em confronto com a leitura da tradição. (GUEDES, 2006, p. 64)

A necessidade de se fazer alunos/leitores e alunos/escrevintes é tamanha, uma vez que observamos que os alunos não produzem, não gostam de ler e, quando gostam, a leitura está embasada em revistas de quadrinhos. Muitas vezes, o aluno não tem um contato aproximado com um determinado tipo de texto, por fazer parte da sua realidade. Não queremos aqui rebaixar tal gênero textual, mas queremos aqui ressaltar a importância de o aluno exercer outros hábitos de leitura, tais como contos, crônicas, literatura de cordel, livros que, de fato, incitem a ideologia do aluno, por exemplo. Para formar sujeitos autônomos e críticos, é essencial que a leitura e a escrita sejam trabalhadas de maneira integrada, prazerosa e significativa. Algumas práticas eficazes incluem: projetos interdisciplinares que envolvam a produção e leitura de diferentes gêneros textuais, rodas de leitura e debates que estimulem a argumentação e a escuta ativa, uso de tecnologias digitais para diversificar os suportes de leitura e escrita e avaliação formativa que considere o processo de aprendizagem.

Essas estratégias contribuem para que os estudantes desenvolvam o gosto pela leitura, a competência comunicativa e a capacidade de refletir criticamente sobre o mundo.

É necessário expor os alunos aos textos e mostrar para eles de que forma deve-se lê-los, com cuidado, atenção e pensar em cada palavra que o texto contempla. É imprescindível contextualizar o livro à prática do professor e a vivência do aluno em sala. Expor o aluno à leitura silenciosa e em voz alta e estimular o aluno à leitura é essencial para mostrar a importância dela na vida social.

A improficiência tanto leitora quanto escrita é notada, por não haver, de certa forma, um olhar atencioso do professor de Língua Portuguesa ao aluno. E são inúmeros os fatores que pode atrapalhar esse processo. Talvez uns alunos desenvolvam a leitura proficiente mais rápida

que outros alunos, já que cada indivíduo é diferente em todos os contextos sociais e pessoais, quanto mais no que diz respeito à apreensão dos conteúdos.

Ler deve ser um ato de criar conhecimento e de prazer, não o de decodificar palavras e memorizar passagens de texto a fim de responder questões em qualquer tipo de avaliação. Ler o texto literário significa perceber a realidade de forma diferente através da trama que a língua(gem) literária oferece. [...] ler como forma de despertar a potencialidade cognitiva e de despertar a criatividade do aluno-leitor (LIRA, 2003, p. 30).

Com base nesse contexto, apresentamos que cabe ao professor de Língua Portuguesa promover técnicas de leitura e escrita para que o aluno possa desenvolver estratégias de leitura, e por sua vez, alcance a sua interpretação autônoma do texto, a partir do conhecimento que ele tem de seu mundo, e, assim, desprenda da interpretação do professor, por ver quais os mecanismos que o professor usa para ler, interpretar e chegar, de fato, a conclusão do assunto.

Portanto, as técnicas de leitura permitem ao aluno entender concisamente os textos, desde que exista uma gradação textual, do texto mais simples ao mais difícil de ler. Por isso cabe ao professor expor os alunos às práticas reais de leitura, escrita e interpretação, uma vez que esses são o tripé para ter uma comunicação discursiva embasada em ideologia. É possível, conduzir o indivíduo de aluno a ser leitor e de aluno a ser escrevente, basta o professor se apropriar das técnicas de leitura e escrita e mostrar aos alunos os passos que eles precisam trilhar para se chegar a concisão do que se lê; e o aluno perceber no texto que é a partir dele, que se formará em seu intelecto toda noção lógica e ideológica do mundo.

2056

Para complementar nossos estudos teóricos, optamos por analisar como acontece, na prática, o ensino de língua portuguesa. Elegemos a Escola Municipal Francisco Sebastião Soares Palmeiras, localizada na Rua Aberlado Lopes s/n centro, e que atende alunos do ensino fundamental do 1º ano do Ensino Fundamental I ao 9º ano do Ensino Fundamental II. Com um total de 1.248 alunos, em 2024. A escola funciona nos turnos matutino, vespertino e noturno, porém no noturno o prédio é cedido ao estado, sendo uma extensão da Escola Estadual Tarcísio Soares Palmeiras, Ensino Médio. Nesta pesquisa focou as aulas de língua portuguesa de três turmas de 8º anos, com um total de 112 alunos, os quais pertencem à classe social de nível baixo. O professor analisado é graduado em Letras/Português e tem experiência na área há 8 anos. A análise prendeu à forma como eram ministradas as aulas de língua portuguesa quanto aos aspectos da leitura e da escrita, sob o viés da gramática e da linguística.

Não queremos propor um ensino firmado na Gramática e na Linguística, mas o intuito é pensarmos de que forma poderemos usar os respaldos teóricos dessas linhas para fundamentar

as aulas de língua portuguesa. Nossa intenção reside no fato de desejarmos expor ao aluno os mais variados gêneros textuais, para que ele seja inserido o mais plenamente possível no mundo das letras e perceba o mundo das nomenclaturas e das suas normas. Defendemos um ensino capaz de levar os alunos a entender como as normas gramaticais e linguísticas se encaixam no meio social, a partir da sua língua materna, autoria Língua Portuguesa brasileira juntamente com as outras disciplinas.

Segundo Rojo (2009):

Para formar sujeitos críticos e autônomos, é necessário que o ambiente educacional crie espaços de escuta e produção de sentido. A leitura deve ser promovida como uma atividade aprazível, reflexiva e crítica e a escrita como um exercício de expressão, argumentação e construção de identidade. (ROJO, 2009, p.46)

O professor, nesse processo, assume o papel de mediador, incentivando a autoria, oferecendo feedbacks promovendo práticas pedagógicas diversificadas. Projetos interdisciplinares, rodas de leitura, produção e debates em sala de aula são exemplos de estratégias que favorecem o engajamento dos alunos e a construção do conhecimento. Além disso, vale ressaltar a formação continuada aos docentes sendo vital para o professor esteja preparado para lidar com as diferentes realidades dos estudantes e promover um ensino inclusivo, crítico e transformador.

2057

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A leitura e a escrita desempenham um papel central na formação de sujeitos críticos e autônomos no Ensino Fundamental. Para que esse potencial se concretize, é necessário enfrentar os desafios estruturais e pedagógicos existentes, promovendo uma educação comprometida com a formação humana, cidadã e transformadora. Cabe à escola o compromisso de criar ambientes alfabetizadores que estimulem a participação ativa dos estudantes e valorizem a leitura e a escrita como ferramentas de emancipação social.

A leitura e a escrita, são fundamentais para o desenvolvimento da autonomia e da consciência social dos estudantes. No Ensino Fundamental, essas práticas devem ser valorizadas como caminhos para a emancipação, exigindo compromisso pedagógico, investimento em políticas públicas e valorização da formação docente. Superar os desafios existentes passa por reconhecer que ensinar a ler e escrever é formar cidadãos capazes de transformar a realidade em que vivem. Nesse processo, a escola precisa ser um espaço de

diálogo, escuta e produção de sentidos, preparando os estudantes para atuarem de forma consciente e responsável na sociedade.

Portanto, é papel da escola promover o acesso a uma diversidade de gêneros textuais, discursos e formas de expressão, permitindo que o aluno desenvolva sua capacidade de interpretar criticamente os textos e o mundo (BAKHTIN, 1992). O trabalho com textos literários, notícias, crônicas, propagandas, entre outros, contribui para a ampliação do repertório linguístico e cultural dos estudantes. Visto que, apesar da importância da leitura e da escrita, muitos estudantes apresentam dificuldades nessas áreas. De acordo com os dados do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira INEP (2021) uma parcela significativa dos alunos conclui os primeiros anos sem alcançar níveis satisfatórios de proficiência leitora e escritora.

Além disso, o ensino muitas vezes é pautado por práticas mecânicas e descontextualizadas, que não estimulam a reflexão, a criatividade ou a autoria. A superação desses desafios exige uma mudança de paradigma, em que o aluno seja visto como protagonista do próprio processo de aprendizagem.

## REFERÊNCIAS

2058

ANTUNES, Irandé. **Muito além da gramática: por um ensino de Línguas sem pedras no caminho**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

BAKHTIN, M. **Os gêneros do discurso** São Paulo: Editora 34, 1992).

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's)**. Ensino Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 2004.

CAMPBELL, Linda, CAMPBELL, Bruce & DICKINSON, De. **Ensino e Aprendizagem por meio das inteligências múltiplas**, 2 ed. Porto Alegre: Artmed, 2000.

FERREIRO, Emília. **Reflexões sobre alfabetização**. 4 ed., São Paulo: Cortez – Autores Associados, 1993.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. São Paulo: UNESP, 2000.

INEP – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Indicadores de Alfabetismo Funcional**. Brasília, 2021.

GUEDES, Paulo Coimbra. **A formação do professor de português: que língua vamos ensinar?** São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

GADOTTI, Moacir. **Boniteza de um sonho: ensinar e aprender com sentido**. São Paulo. Instituto Paulo Freire. 2011.

JOBIM, José Luís. **A literatura do ensino médio: um modo de ver e usar**. In: ZILBERMAN, Regina; ROSING, Tania M.K. (Orgs.) *Escola e leitura: velha crise, novas alternativas*. São Paulo: Global, 2009.

KLEIMAN, Angela. **Texto e leitor: aspectos de leitura**. 3 ed. Campinas: Pontes, 2000.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. São Paulo. Editora Ática, 1993.

LIRA, Carlindo de. **O texto literário em sala de aula: o professor como mediador entre texto e aluno**. Arapiraca, AL: Center Graf, 2003.

LUCKESI, Cipriano C. **Avaliação da aprendizagem Escolar**. 4 ed. São Paulo: Cortez, 1996.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. **Políticas Públicas de Alfabetização no Brasil**. Educar em Revista, n. 28, p. 17-36, 2006.

ROJO, Roxane. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. Tradução Antônio Celine e Izidoro Blinksten. São Paulo: 2006

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte :Autêntica, 2004.